

DE OBJETO À SUJEITO

Marinilda Gomes dos Santos¹

Resumo: Neste trabalho irei discutir a presença e a representação do negro na literatura brasileira, o qual ao longo da história da literatura vem sendo representado de maneira muito problemática, aparecendo sempre como um ser menor, inferior, digno de pena ou demonizado. Para isso irei analisar comparativamente o poema *Navio Negreiro*, de Castro Alves e *Zumbi é senhor dos Caminhos*, de Jônatas Conceição. Mostrando como o negro sai desse lugar de objeto, que era representado de maneira estereotipada, para a condição de sujeito, tornando-se autor da sua própria história. Com o objetivo de mostrar as problemáticas da representação e a importância da auto representação na literatura.

Palavras-chave: representação, auto representação, literatura.

“Falar e ser ouvido é um ato de poder. Escrever e ser lido também.” (CUTI, 2012).

Ao longo da história da literatura brasileira a presença do negro foi sempre muito problemática, quando eram representados vinham sempre como um ser menor, inferiorizado, desprovido de qualquer sentimento humano, sendo sempre os algozes da história. Apareciam como objetos representados pelas mãos e mentes brancas. Onde na maioria das vezes esse corpo negro era desprovido de alma “ou de alguma manifestação, ao menos próxima, do que se pode identificar como herança humana” (SEMOG 2012), sendo representado constantemente como um objeto digno de pena, servil e supostamente necessitado de outros que falassem por ele. Podemos trazer como exemplo dessa representação desumanizada o livro “As vítimas algozes” de Joaquim

¹Graduanda em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia. Bolsista PIBIC-CNPq pelo grupo de pesquisa – Corpus dissidente: A Teoria da Literatura e as Demandas da Diferença nas negropoéticas da literatura brasileira contemporânea. Orientada pela Prof^a, Dr^a Livia Natália de Souza. E-mail: marinildagomes@gmail.com.



Manoel de Macêdo, que traz três narrativas (Simeão, o crioulo, Pai Raiol, o feiticeiro e Lucinda, a mucama). Onde esses três personagens aparecem sempre como o causador da desordem familiar, da destruição dessas famílias que lhes ofereceram uma oportunidade de vida melhor, sobretudo no caso de Simeão e Lucinda.

A ridicularização das características físicas, dos negros escravizados servia para demonstrar uma suposta inferioridade desse povo em relação ao branco, amparado pelo racismo científico que estava difundido por todo o mundo nos séculos XVIII e XIX, que afirmava que o negro estava para o homem assim como o asno estava para o cavalo. Justificando assim a escravidão e a condição sub-humana que lhes eram atribuídas. As quais servem até hoje como motivo de vergonha e recalque para as pessoas que não assumem sua identidade negra.

A partir do século XII a figura do negro começa a aparecer na literatura brasileira, mas, só a partir do século XIX essa temática começa a ser mais significativa, porém, sendo representados pelo olhar distanciado dos escritores brancos. O romantismo foi a primeira escola a fazer menções abolicionistas, tendo com principal representante dessa temática o poeta Castro Alves e o seu famoso poema “*Navio Negreiro*”, publicado em 1868. Porém, essa poesia era meramente descritiva, onde falava-se das péssimas condições em que os negros eram trazidos de África, e das atrocidades que os capitães cometiam contra eles, trazendo mais uma vez o escravizado africano com um ser indefeso, passivo, digno de pena. Vejamos no poema:

[...]

IV

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,

Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...

E da ronda fantástica a serpente

Faz doudas espirais ...

Se o velho arqueja, se no chão resvala,

Ouvem-se gritos... o chicote estala.

E voam mais e mais...

Presa nos elos de uma só cadeia,

A multidão faminta cambaleia,

E chora e dança ali!

Um de raiva delira, outro enlouquece,

Outro, que martírios embrutece,

Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,

E após fitando o céu que se desdobra,

Tão puro sobre o mar,

Diz do fumo entre os densos nevoeiros:

"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!

Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .

E da ronda fantástica a serpente

Faz doudas espirais...

Qual um sonho dantesco as sombras voam!...

Gritos, ais, maldições, preces ressoam!

E ri-se Satanás!...

[...]

É notável o distanciamento do representante para com o objeto representado, o eu lírico conhece a situação, discorda, porém se sente impotente ou desinteressado em ajuda-los. “*Negras mulheres, suspendendo às tetas*” neste verso podemos observar que

o eu lírico refere-se a partes do corpo da mulher com expressões que era usada para se referir a animais, como “tetas” ao invés de seios, equiparando-a com uma vaca. Essa animalização do corpo negro não é uma exclusividade da poesia de Castro Alves, e sim uma prática muito comum na literatura brasileira dos séculos XIX e XX.

Não podemos negar que essa literatura teve sua significância nas denúncias da escravidão e na luta pela abolição:

“Se em sua visão idealizadora o poeta não consegue escapar do estereótipo, se ele não dá voz ao negro, mas se comporta como um advogado de defesa que quer comover a plateia e provar a injustiça da situação que denuncia, tenhamos presente, entretanto, que é ele quem assume, na literatura brasileira, o brado de revolta contra a escravidão, abre espaços para a problemática do negro escravo, num momento histórico em que o negro era, como assinala Antônio Candido, ‘a realidade degradante, sem categoria de arte, sem lenda histórica’.” (FILHO, 2004).

Portanto, trata-se, inegavelmente, de um notável feito para a época. Porém acredito que também não podemos classificá-la como uma literatura negra. Pois, foi através dessa representação distanciada que criou-se e cristalizou-se muitos estereótipos acerca do corpo negro.

Felizmente a partir dos anos de 1970 essa realidade vem sendo alterada, devagar, porém, com muita significância para o povo negro, onde pela primeira vez o negro brasileiro teve voz para falar e escrever sobre si, das suas demandas, potências e limitações, em seus respectivos lugares de fala, rompendo com as representações subalternizantes que sobre ele são depositadas:

“com o objetivo de enfrentar o racismo na literatura brasileira, produzindo uma obra protagonizada por personagens negros que pudessem expressar o amor pelo filho, a dor e a alegria de sua história, [...] ser o sujeito de si próprio, e não um objeto fantasioso do imaginário racista.” (SEMOG 2012).

Hoje a literatura “negro-brasileira” (Cuti 2012) já pode assumir sua cor, sua voz e seu lugar na história da literatura, enfrentando muitos preconceitos ainda, porém, firme. Com características, demandas e subjetividades próprias das suas vivências e da sua cultura.

Enquanto a poesia social de Castro Alves trás os escravizados como seres passivos e desesperançados, Jônatas Conceição da Silva, professor, poeta, radialista e militante do Movimento Negro Unificado, trás em seus poemas outra performance desse corpo negro, não mais como um corpo vazio digno de pena, como era

representado por Castro Alves, e sim como um povo guerreiro que luta em busca da sua liberdade.

No poema *Zumbi é senhor dos caminhos*, publicado em 1989, podemos notar a voz de um negro descendente de escravizado que trás Zumbi como representante de um ideal de luta, de liberdade a ser seguido. Zumbi, que se tornou um dos maiores símbolos de luta e liberdade para a população negra e afro brasileira.

Zumbi é senhor dos caminhos

resgatar tua presença
tua firmeza de propósito
de amor e liberdade
pela raça.

caminhar na tua ausência
fazendo dos passos
de todos os pés
a certeza de todos os encontros.

alcançar teu objetivo
por essa mesma terra
que de ti apoderaram
mas que a ti permanece fiel
nos objetos marcas caminhos
de tuas entranhas

retomar toda história
de todos os fatos
contar todas as verdades
para todas as idades
do teu mito que

para sempre se refaz em
liberdade, liberdade, liberdade.

Nos primeiros versos o poeta propõe um resgate ao passado, resgatar não no sentido estrito da palavra, e sim com sentido de valoração, de dar continuidade a uma história que Zumbi começou, história de luta “de amor e liberdade pela raça”, de não deixar-se oprimir pelas imposições dominantes. “Zumbi foi exemplo de todos os guerreiros e guerreiras nas densas florestas de palmares” (CONCEIÇÃO 2004 p.29) tornando-se inspirador da luta negra no Brasil desde o período pós-abolição. Luta por direito a cidadania, por respeito e verdade em relação à história do povo negro, a qual sempre foi omitida na história oficial.

No poema a seguir podemos observar outras envergaduras na poesia de Jônatas Conceição, como o deslocamento do corpo negro desse lugar do algoz, do causador das mazelas sociais. Vejamos o poema:

Verdejante

Quando eu morrer,
não me botem num caixão preto;
pecador não sou.

Quando eu morrer,
não me botem num caixão branco;
anjo não sou.

Quando eu morrer,
me enterrem num caixão todo-verde
e nas manhãs de sol me molhem.

No poema o eu lírico rompe com a representação demonizada da figura do homem negro, mas também deixa claro que não quer ser visto nem ocupar o outro extremo, pois, assim como ele não é essa figura demonizada, ele também não é nenhum símbolo de pureza. Mostrando a hibridização do caráter humano.

Nos três últimos versos do poema, “Quando eu morrer,/ me enterrem num caixão todo-verde/ e nas manhãs de sol me molhem”, é visível um aspecto presente na poesia de Jônatas, que é a questão da esperança e da liberdade, esses dois elementos estão representados nestes últimos versos pela cor verde, que é símbolo em nossa cultura de esperança, renovação, vitalidade e liberdade.

A liberdade sempre foi o maior objetivo da luta negra, não apenas uma liberdade em relação à escravidão propriamente dita, mas por uma liberdade de expressão, liberdade de escolher uma profissão sem ser rechaçado pela cor da sua pele, liberdade de sair à noite e não ser barrado no primeiro bloqueio policial. São esses os ideais de liberdade trazidos por Zumbi e por Jônatas conceição.

Referências:

ALVES, Castro. Os melhores poemas de Castro Alves. Seleção e apresentação Lêdo Ivo. São Paulo: Global, 1983.

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

CONCEIÇÃO, Jônatas. *Vozes Quilombolas; Uma Poética Brasileira*. Bahia: EDUFBA, 2004.

CONCEIÇÃO, Jônatas. *Outras miragens & miragem de engenho*. São Paulo: Confraria do Livro, 1989.

CUTI, (Luiz Silva), *Literatura negro-brasileira / Cuti* – São Paulo: selo negro, 2012.

FILHO, Domício Proença. *A trajetória do negro na literatura brasileira*. 2004.

SEMOG, Éle. *Poetas Negros, Movimento Negro e Alguma Vida*. In <http://elesemog.com.br>. 2012.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty, *Pode o Subalterno Falar?* Minas Gerais: UFMG, 2011.